

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) E NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NTIC'S)

Uma análise introdutória

2011

Michel de Vilhena Ferreira

Pedagogo (DFCS/UEPA), Psicólogo (IFCH/UFPA).

Professor colaborador da Faculdade Pan-Americana (FPA) - Capanema/PA (Brasil)

E-mail:

michel_vilhena@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é introduzir a análise da relação entre a Educação a distância (EAD) e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's). A EAD se utiliza das NTIC's advindas da informática e da comunicação informacional virtual como recurso metodológico da concretização de um modelo pedagógico neotecnicista, neoliberal e de qualidade total que reacende o debate sobre as relações entre educação e produção econômica, social e cultural contemporânea.

Palavras-chave: Educação a distância, novas tecnologias de informação e comunicação, neotecnicismo, neoliberalismo, cibercultura

Ao introduzir a análise da relação entre a Educação a distância (EAD) e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's), logo de início é possível identificar que não encontramos um denominador comum dentre as inúmeras definições de autores diversos acerca da EAD.

Belloni (2003) diz que estes ora partem de uma perspectiva que enfatiza o paradigma econômico, ora definem a partir da perspectiva do ensino convencional, de sala de aula, enfatizando tudo que a EAD não é, de acordo com a concepção do que a escola tradicional regular seria.

Os adeptos da primeira perspectiva, mais polêmica e crítica, vêem que a EAD pode “ser mais bem entendida a partir de princípios que regem a produção industrial, especialmente os de

produtividade, divisão do trabalho e produção de massa” (PETERS, 1973, p. 157 apud BELLONI, 2003, p. 58), enfatizando uma educação capaz de formar sujeitos aptos para uma nova era informacional e *cibercultural* que determinará a produção econômica e social do homem.

Nesse sentido, a EAD serviria, digamos assim, como uma espécie de laboratório teórico-metodológico para uma educação neotecnicista e neoliberal. Ainda de acordo com Belloni (op. cit.) Existiriam três gerações de modelos de EAD, tendo por referência o uso de tecnologias como canais de comunicação.

A primeira geração, período compreendido pelo final do século XIX e início do XX, centralizava-se no discurso escrito e na utilização de impressos. A segunda geração, período compreendido entre os anos 60-70, integrou à utilização de impressos as tecnologias de comunicação emergentes do período: as mídias audiovisuais. A terceira geração, dos anos 90 em diante, inclui as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) advindas da informática e da comunicação informacional virtual.

As NTIC's compreendem todos os mecanismos contemporâneos de informação e comunicação que emergem com o desenvolvimento da informática e que são metodologicamente indispensáveis na objetivação e concretização da EAD de hoje.

Para Masetto (2003), bem como Belloni (idem), a relação entre NTIC's e EAD encontra-se na utilização que esta faz da informática, do computador, da internet, da hipermídia, da multimídia na realização do processo ensino-aprendizagem, que por sua vez, possibilitam a utilização de metodologias educacionais diferenciadas daí provenientes, como por exemplo: os do CD-ROM's didáticos, os chats, os grupos ou listas de discussão, o correio eletrônico, bancos de dados, *websites*, programas interativos informatizados, etc., bem como de quaisquer outros recursos e linguagens digitais que atualmente se dispõe. Tudo isso pode colaborar significativamente para tornar o processo educacional a distância mais eficiente.

Para Gadotti (2006) a emergência das NTIC's na produção, acumulação e difusão do conhecimento ainda não se fizeram sentir plenamente no ensino. Segundo ele, a educação ainda opera com uma linguagem predominantemente escrita, “a cultura do papel” (p. 09), representando um dos maiores obstáculos ao uso intensivo da internet na educação, sobremaneira na EAD.

Assim sendo, a educação como um todo, em específico uma educação neotecnicista, neoliberal e de qualidade total, sofre a passos curtos a inserção da linguagem informacional como tecnologia educacional.

As consequências do impacto das NTIC's nos sistemas educacionais não conseguem ser visualizados, pois se trabalha muito ainda com recursos metodológicos tradicionais, como o livro, por exemplo, que possui pouco apelo para as crianças e jovens.

O autor afirma que talvez seja exatamente por esse fato é que “os jovens que ainda não internalizaram inteiramente a cultura do papel, adaptam-se com mais facilidade que os adultos ao uso do computador. Eles já nascem com essa nova cultura, a cultura digital” (GADOTTI, 2006, p. 09).

Belintane (2006) vê uma concorrência desleal entre os métodos de ensino tradicionais sustentados por tecnologias livrescas e conteudistas e as novas tecnologias multimidiáticas na constituição do setting de ensino-aprendizagem do futuro.

Soma-se a isso a “maleabilidade” dos sujeitos que estão sendo formados, pois já nascem inseridos em um período onde a cultura virtual hipermediática é dominante, propiciando uma aceitação cibercultural devido à interatividade que o livro não proporciona.

(...) se na sala de aula os alunos só se relacionam com livros e cadernos a partir de conflituosas exigências mesmo dentro de uma pedagogia bem-sucedida, o mesmo não se dá em um laboratório de computadores em rede. Se em uma biblioteca o aluno quer mais é evadir-se, cair fora da solidão silenciosa que o suporte gráfico exige, no laboratório, a subversão é buscar logo a sua diversão, o seu jogo, o seu papo-furado no MSN (BELINTANE, 2006, p. 88).

Num sentido amplo, poderíamos entender por “diversão” e como “jogo” na citação acima a interatividade proporcionada pela mídia informacional em nossos sentidos perceptivos (imagens, luz, cores, brilhos, movimentos, formas, sons, etc.).

Tudo isso sem falar ainda nos próprios resultados objetivados com a interação imediata entre sujeito e objeto que, em apenas dois *clicks* rápidos ou um simples *enter* no teclado já se obtém, em menos de um segundo, o produto desta relação, como ocorre numa pesquisa via *google*, por exemplo.

O que estaríamos defendendo quando falamos do uso de computadores e internet na educação?

Implicando nos perguntarmos a respeito de que tipo de sujeito e que tipo de sociedade se quer atingir com essa utilização?

Os debates são infundáveis, pois, como se falou acima, ainda não é possível visualizar os reais efeitos de uma educação reformulada que considere a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) como meio indispensável.

Certo é que um dos mais antigos e importantes debates prévios, anteriores a esses questionamentos e ainda travado no campo da educação, é o da relação entre esta e o modo de produção do capital e do trabalho.

Kawamura (1992) vê educação como sendo “o conjunto de instituições, processos formais e informais de elaboração, organização e difusão de ideias, valores e atitudes ligados basicamente

aos interesses das classes dominantes” (p. 06), enquanto que as novas tecnologias compreenderiam “os conhecimentos científicos avançados aplicados ao processo produtivo conforme os interesses econômicos e políticos dominantes” (p. 06).

Logo, a relação contemporânea que podemos encontrar entre a educação e o processo produtivo repousa no fato de que é através dela que irá se dar a preparação do sujeito para atuar e operar com as NTIC's porque é exatamente o que determinará (ou o que já determina) a organização, a estruturação e o funcionamento dos processos de produção econômica e social do futuro.

Se vivemos num período em que a forma de produção econômica, social e cultural fundamenta-se na construção do conhecimento dentro do contexto informacional, então, nada mais sensato que formarmos sujeitos cognoscentes aptos para a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação na efetivação desse processo.

Como as consequências da inserção desses novos componentes na cultura e modo de produção do homem são desconhecidas, não sabemos, portanto, de onde partir e nem para onde ir ao pensarmos na formação dos nossos alunos.

A esse respeito, Silva (1996, p. 31) é enfático:

(...) as dificuldades das análises frequentemente feitas sobre os efeitos das novas tecnologias sobre o processo de trabalho e, derivadamente, sobre a organização do sistema educacional e do currículo devem-se principalmente, na minha opinião, à falta de uma perspectiva estrutural sobre as relações entre educação e produção.

Como vemos nessa citação de Silva (op. cit.), é evidente que o debate acerca do impacto das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) sobre o sistema educacional deve ser travado.

A inserção dessas tecnologias no processo de trabalho reanima as discussões e as análises da relação entre a educação e a produção, forçando a reorganização daquela em virtude desta.

Como consequência teríamos, como dito antes, um novo paradigma de educação: o neotecnicista e neoliberal, que emerge com a introdução dessas tecnologias que propiciam uma mediação pedagógica na EAD.

Ainda de acordo com Silva (idem, ibidem) esse antigo debate sobre a relação entre as tecnologias e a educação, pode ser assim resumido:

1. Certas modificações no modo de produção capitalista forçam a reorganização do processo de trabalho que envolve a adoção de tecnologias baseadas na microeletrônica;

2. Ao contrário do que ocorria com o modelo de organização da administração científica (fordista/taylorista) caracterizado pela produção em massa de objetos estanques e divisão cognitiva do trabalho, esse modelo “pós-fordista”, ao contrário, é caracterizado pela produção flexível de objetos variados, com forte dependência da microeletrônica e que podem ser rapidamente substituídos na linha de produção, exigindo assim, um nível mais alto de conhecimento técnico-científico do colaborador;
3. Os “colaboradores neotecnicistas”, ao contrário do “trabalhador taylorista”, demandam características atitudinais e cognitivas radicalmente diferentes. Será possível prever até mesmo “uma certa ruptura da separação entre concepção e execução (...). Haveria mesmo uma tendência em direção à integração e não à divisão” (p. 32), pois o trato com componentes automotivos e microeletrônicos que exigem monitoração e manutenção constantes, exigiriam por sua vez um trabalhador cognitivamente apto e com um nível satisfatório de conhecimento técnico-científico, capaz de lidar com a flexibilidade, a intercambialidade e o conteúdo cognitivo mais complexo das tarefas;
4. Assim sendo, caberia à educação e à escola em particular, formar este novo tipo de trabalhador, “dotado de um acervo de conhecimentos técnicos e científicos apropriados às novas exigências (...) [um trabalhador] flexível, polivalente e politécnico, munido de uma compreensão geral dos princípios técnicos e científicos” (p. 32-33). A produção exige, portanto, uma adaptação por parte do sistema educacional para a formação desse sujeito.

É possível perceber, portanto, que a análise preliminar da relação entre a educação a distância (EAD) e as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) reacende e pressupõe o antigo debate acerca da relação entre educação e modo de produção. Fato que por sua vez nos força a pensar que tipo de sujeito queremos formar, que tipo de aluno queremos educar, em que tipo de sociedade vivemos hoje e viveremos amanhã... Fato que sempre ocorreu na educação...

REFERÊNCIAS

BELINTANE, Claudemir. O cyberaluno. In: PINTO, Manuel da Costa. (Org.). **Educação no século XXI: perspectivas e tendências**. Rio de Janeiro: Relume-Dumar; São Paulo: Segmento-Duetto, 2006. (Coleção Memória da Pedagogia, v. 06, Suplemento especial: “As novas tecnologias”, p. 87-97).

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 3. Ed. São Paulo: Autores Associados: 2003.

GADOTTI, Moacir. Desafios para a era do conhecimento. In: PINTO, Manuel da Costa. (Org.). **Educação no século XXI: perspectivas e tendências**. Rio de Janeiro: Relume-Dumar; São Paulo: Segmento-Duetto, 2006. (Coleção Memória da Pedagogia, v. 06, p. 07-15).

KAWAMURA, I. **Novas tecnologias e educação**. São Paulo: Ática, 1990.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. Ed. Campinas: Papirus, 2003. Cap. 3, p. 133-173.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Educação e produção: conexões e relações**. In: Identidades terminais. Petrópolis: vozes, 1996.